

Meu curso de medicina nos deu 'cubos de ferida' artificiais para usarmos no treinamento. Acho que o meu pode estar vivo.

Conteúdo Adulto

Sempre quis ajudar as pessoas. Enquanto crescia, eu me via sendo um neurocirurgião de renome mundial. Livrando a população mundial do temido glioblastoma e astrocitoma anaplásico.

Minha mãe faleceu de um tumor cerebral inoperável quando eu tinha apenas 7 anos. Vi o seu cabelo sedoso caindo de sua cabeça e seu sorriso se tornando cada vez mais forçado. Isso a comia viva de dentro para fora. Enquanto tínhamos que assistir, impotentes. Foi a coisa mais devastadora que aconteceu à minha família. No final, isso nos comeu vivos de dentro para fora também.

Enquanto eu sofria em silêncio, meu pai não aguentou sua perda e voltou-se para a bebida. Ele sempre cuidou de mim, era um homem bom e me amava, mas se tornou uma casca vazia após a sua morte e prometi a mim mesmo que nunca deixaria isso acontecer com família alguma se eu pudesse ajudar.

No entanto, após 2 anos de exaustiva faculdade de medicina, percebi que a neurocirurgia simplesmente não era para mim. Eu não tinha estômago nem a calma necessária para a tarefa especializada de trabalhar no órgão mais importante de outro ser humano.

Em vez disso, optei por seguir a carreira de Técnico em Emergências Médicas. Eu poderia trabalhar com pessoas que precisam da minha ajuda, estar ao seu lado nos momentos mais traumatizantes, acalmá-los quando estão com medo e executar técnicas que podem muito bem salvar suas vidas.

Descobri-me florescendo no que eu consideraria o ambiente de ritmo acelerado que vem com ser um paramédico. Na maior parte do tempo, você precisa pensar em seus pés, movendo-se rapidamente para garantir que o paciente esteja estável o suficiente para sobreviver à ida até ao hospital.

Durante o treinamento, sinto que estou cumprindo meu chamado, no sentido de ajudar meu próximo. Ainda não terminei minha certificação, mas participei de muitas viagens com técnicos seniores e sujei as mãos mais do que algumas vezes.

Na semana passada, fomos informados que estaríamos recebendo um produto destinado a ajudar os que estão em áreas de emergência a melhorar seus métodos em feridas. Era para ser revolucionário em imitar como seria uma ferida com sangramento verdadeiro, e seria uma classe obrigatória para PHTLS, antes da certificação.

Na verdade, eu estava muito animado para trabalhar nisso. Era chamado de Wound Cube e deveria imitar um ferimento de arma de fogo de pequeno calibre

em um lado, um ferimento de arma de grande calibre no outro, uma pequena laceração no terceiro e profunda laceração no quarto.

Com os níveis de violência na minha cidade, imaginei que essa seria uma ferramenta incrível para garantir nossa capacidade de salvar a vida de alguém.

Nossa primeira aula com o Wound Cube foi... tudo bem. Acontece que nenhuma quantidade de treinamento é tão eficaz quanto a coisa real, e aquilo foi bem perto disso.

Era apenas um pequeno cubo $5 \times 5 \times 5$, mas a substância feita de feltro era tão realista e as feridas eram surpreendentemente intrincadas. Podia-se acender uma lanterna de um dos lados em que você não está trabalhando e ver as artérias, veias e até mesmo os capilares da ferida em que você está trabalhando.

Dizia-se que os produtores do produto, Asclepius Industries, não pouparam despesas quando se tratou de produzir a melhor ferramenta de aprendizagem possível para nós, responsáveis de salvar vidas. Não é preciso dizer que fiquei impressionado, assim como todos que trabalharam com um Wound Cube naquele dia. Nosso grupo aprendeu muito e também o quanto estávamos despreparados, então foi considerada uma aula de sucesso.

No dia seguinte, retomamos o trabalho com o cubo. Existe um ponto de entrada onde você pode inserir um líquido de simulação de sangue. Ficou claro na embalagem, tingimos de vermelho para representar melhor uma ferida sangrando de verdade. Você não consegue trabalhar com fluidos claros e lanternas mostrando onde uma artéria foi cortada na vida real, então esta aula foi um pouco mais difícil.

Muitos alunos estavam tendo problemas para identificar suas áreas de hemorragia intensa. Eu, por outro lado, estava me saindo muito bem, embalando com sucesso o ferimento à bala de pequeno calibre e o ferimento à bala de grande calibre em um tempo decente. Eu não diria incrível, mas teria diminuído o sangramento de uma pessoa o suficiente até que ela fizesse a cirurgia, se ela tivesse sangrado.

Passei para a laceração. Que basicamente parecia um ferimento de faca relativamente limpo, embora profundo. Comecei minha busca inicial da ferida com meu dedo indicador para a origem do sangramento. Se for um sangramento arterial, você sentirá o fluxo de sangue jorrando contra seu dedo e poderá compactá-lo com mais profundidade.

Enquanto movia cautelosamente meu dedo pela ferida, ouvi uma voz "**por favor, pare.**" Parei por um momento, supondo que meu instrutor estivesse atrás de mim e eu estivesse fazendo algo incorreto. No entanto, uma volta ao redor com meus olhos revelou que ela estava do outro lado da sala atendendo a alguns dos alunos menos experientes.

Retomei meu exame da ferida e ouvi um mais aflito: **oh! Deus, por favor, pare!** Eu mais uma vez olhei ao redor da sala e não vi ninguém retribuindo o olhar. Ficando um pouco assustado, mas não querendo parecer enjoado na aula, coloquei meu dedo na ferida e imediatamente ouvi um grito e uma voz de mulher dizendo: **isso dói muito, por favor, Deus. FAÇA PARAR** seguido de um choro angustiada. Imediatamente após remover meu dedo, os gritos de dor cessaram.

Um dos meus colegas estava pregando uma peça às minhas custas? Testei mais algumas vezes, suavemente, mas ainda recebia: gemidos e gritos para que eu parasse. No entanto, parecia que ninguém mais podia ouvir, e eu não peguei ninguém olhando em minha direção observando meu trabalho.

No final da aula, perguntei ao meu instrutor se poderia levar o cubo para casa para praticar mais. Embora minha técnica fosse perfeita, fingi que estava lutando para investigar melhor. Pensei que se fosse alguém mexendo comigo, isso não aconteceria na segurança da minha própria casa.

Assim que cheguei ao meu apartamento, tirei meu uniforme, levei Bentley para fora e enchi novamente sua tigela de água, e sentei à minha mesa com o cubo. Isso é ridículo, pensei comigo mesmo. Isso tem que ser uma piada. A única outra explicação lógica era que eu estava enlouquecendo.

Segurei meu bisturi sobre o cubo. Notei, para minha surpresa, leves pulsações de vermelho correndo por suas veias artificiais; pensei que tinha drenado completamente no final da aula. Eu me inclinei, meu coração disparado em antecipação, e gentilmente o cutuquei.

"PARE COM ISSO" gritou a voz. Estremeci ao deixar cair o instrumento no chão.

"*Quem é você?*" perguntei. Mas quando olhei em volta, apenas a expressão confusa de Bentley me saudou.

Peguei o bisturi e, enquanto observava Bentley, cutuquei o Wound Cube novamente. **"QUE DOR"** disse a voz, ainda mais alta do que antes. Ainda assim, Bentley não percebeu. Eu realmente era o único que podia ouvir.

Eu reuni meus pensamentos. A voz mudou. Durante a aula havia sido distorcido e grave. De forma constante, havia se estabelecido em algo mais distinto, mais feminino. Ocorreu-me que reconhecia vagamente daquela voz.

Meus instintos me diziam que talvez aquilo respondesse com menos severidade a um toque mais suave, então eu lentamente pressionei meu dedo nele. **"MAX"** disse a voz.

Pulei da minha cadeira e me apoiei na parede. Ele sabia meu nome.

Mas, é claro que sim. Tinha a voz dela. Uma voz que eu não ouvia há mais de quinze anos.

Minha mente, treinada para navegar por decisões médicas instantâneas, percorreu as possibilidades. O mais óbvio, é claro, era que meus instintos anteriores sobre estar perdendo a sanidade estavam corretos. Se um paciente me dissesse que tocar em um dispositivo de treinamento cirúrgico inorgânico fez com que ele ouvisse uma voz atormentada, eu o encaminharia a um psiquiatra.

No entanto, eu não era como aqueles pacientes. Eu era alguém com quem eles podiam contar em caso de emergência. Eu era capaz de resolver isso sozinho.

Ao considerar as opções restantes, percebi o quão pouco sabia sobre como o Wound Cube foi feito. Um longo URL fornecido pelo meu instrutor me levou ao site da Asclepius Industries, mas as informações fornecidas não iam além das citações de slogans e discursos de vendas:

CARNE HUMANA PERFEITAMENTE MÍMICA

TESTADO POR PROFISSIONAIS LICENCIADOS

PODE SER MOLDADO PARA SE ASSEMELHAR A UMA VARIEDADE DE FERIDAS

IDEAL PARA EMBALAGEM DE FERIDAS E TODAS AS TÉCNICAS DE INCISÃO

Cliquei em várias páginas enquanto procurava em vão os materiais usados para criá-las. Corri minha mão pelo meu cabelo. Eu precisava falar com meu pai. Verifiquei o relógio: 19 horas. Certamente ele não estaria bêbado ainda. Disquei o número.

"Max! ... não tenho notícias suas há pelo menos dois meses." Meu coração afundou com sua fala arrastada.

"Pai, eu preciso te perguntar uma coisa. É sobre a mamãe."

Uma longa pausa se seguiu. *"Claro, claro Max, o que é?"*

"É sobre como ela teve seu corpo doado para a ciência. Sei que já se passaram anos, mas eu queria saber se você tem alguma documentação que pudesse compartilhar comigo sobre isso."

"Hm, o quê? Documentação? Por que você precisa disso?"

"Eu só... posso explicar mais tarde. Tenho um palpite sobre algo. Você tem materiais sobre isso, certo? Ou, pelo menos, certamente você se lembra para

onde o corpo dela foi levado depois que ela faleceu, certo? "

Ele gaguejou em resposta. À medida que suas palavras se aceleraram, ele ficou irado e acusatório. *"Você me liga pela primeira vez em semanas apenas para me lembrar da pior coisa que já me aconteceu-"*

"Ok, ok, pai," eu disse, interrompendo-o. — *Esqueça."*

Ele suspirou. *"Desculpa. Bebi um pouco e, hum!"*

Eu disse a ele para não se preocupar e desliguei. A frustração passou por mim enquanto suas palavras egoístas repetiam em minha cabeça: *"A pior coisa que já ME aconteceu."*

Voltei para a mesa e examinei o Cubo Ferido novamente. Estava ainda mais vermelho do que antes. Como isso era possível? Algum corante estava preso dentro dele? Por um momento, pensei ter visto uma pulsação fraca.

Meu telefone tocou. Era meu pai. Ele se desculpou por seu comportamento. *"Olha, sei que nem sempre estive lá para você como você merecia,"* ele disse. Falando mais devagar, como se estivesse se esforçando para soar claro e coerente. *"Então, quero ser franco com você e responder a sua pergunta. Você tem o direito de saber o que aconteceu com o corpo de sua mãe."*

Eu me preparei para qualquer coisa que ele estivesse prestes a me dizer.

"Sua mãe nunca concordou em doar seu corpo para a ciência. Ela queria um enterro adequado. Quando eu disse a ela que arranjaria um, falei sério. Então eu vi as contas do tratamento dela. Max, você tem que entender, eu só queria o que fosse melhor para você."

"O que você fez?" perguntei.

"Eu... aceitei dinheiro de alguns estranhos para o corpo dela. Eles tinham alguém lá dentro, no hospital, que ajudou a organizar tudo."

Eu me senti igualmente chocado e magoado. Meu pai traiu o desejo de minha mãe de um enterro, e o fato de ter feito isso para me beneficiar fez com que eu me sentisse estranhamente responsável.

"Juro pela alma da sua mãe", meu pai continuou, *"nem um centavo disso foi para outra coisa senão para as contas. Você tem que acreditar em mim, Max, eu não..."*

"Quem eram os estranhos?" Interrompi. *"O que eles queriam com o corpo dela?"*

"Eu não sei. Eles me disseram para não fazer perguntas. Só sei que, no momento em que ela faleceu, eles levaram seu corpo embora. Eles eram

peças de aparência estranha, Max. Todos vestindo capas de chuva cinza, mesmo quando o sol estava alto. Capuzes puxados. Eles também tinham óculos grandes, do tipo que você vê alguém usar em laboratório. Eu mal conseguia ver um centímetro de suas peles. A última vez que os vi, eles levantaram o saco de cadáveres para dentro de um carro funerário e partiram com ele."

Pressionei-o para obter mais informações, mas ele não tinha nenhuma. O carro fúnebre não estava marcado, e eles não deixaram nenhum material escrito para ele. Apenas havia um envelope cheio de dinheiro.

"Você entende, filho, por que fiz tudo isso? Por nós!"

"Obrigado pela explicação," eu disse antes de desligar o telefone.

Minha próxima ligação foi para as Indústrias Asclepius.

Uma voz automatizada me guiou por várias opções até chegar a uma recepcionista. *"Obrigado por entrar em contato com as Indústrias Asclepius. Sou a Brittany. Como posso te ajudar hoje?"*

"É... estou me perguntando se eu poderia falar com alguém sobre os Cubos de Feridas. Tenho algumas perguntas sobre como eles são feitos."

"A Asclepius Industries usa apenas materiais artificiais e não tóxicos para construir seu equipamento de treinamento médico de última geração. Embora sejam precisamente projetados para imitar perfeitamente a carne viva, eles não contêm componentes orgânicos." Ela falou com um entusiasmo e uma cadência ensaiada que me lembrava a um guia turístico veterano. *"Existe mais alguma coisa na qual possa te ajudar?"*

"Eu... bem, há um problema com o Wound Cube que estou usando." Fiz uma pausa ao perceber que o que estava prestes a dizer soaria loucura.

"Você poderia, por favor, descrever o problema para mim, senhor? Fico feliz em trabalhar com você para resolver suas preocupações."

"Um... Sempre que eu o corto, eu, uh!? Ouço uma voz gritando de dor. A voz, bem... pertence a alguém que eu conhecia." Seguiu-se um longo silêncio.

"Brittany, você ainda está aí?"

"Claro, senhor." Respondeu Brittany, seu tom tão alegre quanto antes. *"Bem, esse é um problema estranho, não é? Hahahaha."* Eu me encolhi com sua risada mecânica e vazia.

"Hum?"

"Você pode, por favor, confirmar seu tipo de sangue para nós? Você também é AB Negativo, Max?"

"Quê?"

"Eu disse, por que você simplesmente não confirma se o endereço que temos está atualizado? Tenho o prazer de lhe enviar um folheto informativo que irá responder a todas as suas perguntas!"

"Por que você me perguntou sobre meu tipo de sangue? E como você sabe o meu nome?"

"Tudo que quero, é que você seja um cliente feliz!"

"Então comece me dando algumas respostas!" gritei.

"Ficamos felizes em lhe fornecer um folheto de cortesia! Apenas confirme seu endereço conosco e..." desliguei.

Pânico e pensamentos incoerentes correram pela minha cabeça. As Indústrias Asclépio estava escondendo algo sinistro, e eu sabia que tinha a ver com o corpo da minha mãe.

Olhei para o Wound Cube. O sangue agora latejava em um padrão regular, como se um coração estivesse enterrado nele. *Maaax* sussurrou uma voz no fundo da minha mente.

Decidi seguir seu chamado. Afinal, eu não estava obtendo respostas em nenhum outro lugar. Baixei minha mão lentamente para o Cubo de Ferida. Minha palma e meus dedos tocaram suavemente sua superfície macia e úmida.

"*Max*" resmungou a voz aflita de minha mãe. *"Isso dói. Mas empurre."*

Obedeci. Minha mão desceu através da substância carnuda e fria até que foi imersa em uma camada de resíduo pegajoso rosa.

Eu me vi olhando para minha mãe deitada em uma cama de hospital. *"Eu preciso de sua ajuda, Max,"* ela disse. *"Eu preciso que você me salve."*

"Mãe, Eu não sei como! Onde estou? O que devo fazer?"

"Não me deixe de novo, Max!" — ela implorou. Uma fumaça se formou ao redor de seu corpo. Sua pele começou a se desintegrar, e o sangue borbulhando ferveu através de sua bata de hospital. Corri para a porta, ignorando seus apelos para que eu ficasse.

No corredor, sinalizei uma enfermeira. *"Mãe, minha mãe, ela está morrendo ali"*, gaguejei, apontando para o quarto. Quando a enfermeira se virou para mim, engasguei ao perceber que ela também era minha mãe. Comecei a recuar.

"Está tudo bem, Max", disse a mãe enfermeira. "Sou realmente eu desta vez. Levei você para o seu mundo de sonho. É a única maneira de falar com você."

Continuei correndo. Passei por meus colegas de classe e professores enquanto seguia as placas para a sala de espera, que imaginei me levar para fora do prédio. Mas, quando abri a porta, me vi diante de um vazio negro. Eu me virei, e descobri que o hospital havia sumido.

Os cliques ecoam enquanto centenas de luzes fluorescentes se acendem, revelando uma estrutura do tamanho de um edifício construído com milhares de blocos de carne avermelhada repleta de tufo solto de branco suave. Fiquei boquiaberto com a estrutura de carne.

Estremeci ao sentir uma mão em meu ombro. *"Sou eu, Max", disse minha mãe. "Eu e todos os outros ressuscitaram. Os outros que possuem as qualidades de que precisam. Tenha cuidado, Max, ou eles virão atrás de você também."*

"Mãe," eu disse, finalmente me acalmando. "Como isso está acontecendo? Por tantos anos, pensei que você estivesse morta."

"Eu gostaria de ainda estar morta, Max" disse mamãe. "Você tem que parar eles. Você deve. Eles tiram nossa carne, ela renasce e a tiram novamente. Em nosso purgatório perpétuo, sentimos tudo o que acontece à nossa carne, mesmo depois de ter sido removido de nós. Com cada corte e cada incisão em um desses cubos, milhares de vozes gritam de dor. A conexão entre nós dois permitiu que você ouvisse a minha."

"Mas por quê? Por que fariam isso?"

"É a própria dor, Max. Eles estão colhendo. É por isso que estão distribuindo os cubos. A dor, Max. A DOR" Ela desabou no chão enquanto chorava.

"O que foi?" Tentei ajudar, mas, mais uma vez, não pude fazer nada. Seu corpo começou a se separar na minha frente.

"Max, algo está cortando a conexão... por favor, não deixe que eles te encontrem-!" Ela gargarejou sangue quando seu braço se soltou.

Uma picada me tirou do sonho. Eu me encontrei de volta ao meu apartamento. Para minha surpresa, Bentley pulou na mesa. Ele mordeu minha mão enquanto devorava o Cubo Ferido.

"Não!" Gritei enquanto arrancava o que restava do cubo de sua boca. Quando toquei seus restos esfarrapados, não ouvi mais a voz de minha mãe. Fiquei tentado a repreender Bentley, mas sabia que era minha culpa por ter esquecido de alimentá-lo, e estava muito distraído com o impacto do que havia acontecido.

Soluço ao perceber a implicação do que aconteceu e quanta dor minha mãe, em

qualquer forma que ela continuasse a existir, havia experimentado no processo. Tinha estado reunido com ela, apenas para perdê-la novamente. No entanto, não tive nenhum encerramento, pois, sinto que ela ainda está lá fora de alguma forma, presa entre a vida e a morte.

Isso tem que acabar. Agora que escrevi tudo isto, vou pôr um fim o que quer que as Indústrias Asclepius estejam fazendo.

Nada vai me impedir de descobrir o que eles estão colhendo e por quê — nem mesmo os quatro homens de óculos e casacos cinza que acabaram de sair de um carro fúnebre em frente ao meu prédio.

Link do conto original:

https://www.reddit.com/r/nosleep/comments/myerbl/my_med_school_gave_us_artificial_wound_cubes_to/?utm_source=share&utm_medium=mweb

Direitos autorais reservados ao autor do conto.